

VF, BP 10, 84440 Robion

15/11/85

122

MV, CP 1449, 01415 SP.

Meu caro Milton, ter estado contigo foi experiencia catartica, e permita que cite Goethe: "selig, wer sich von der Welt/ohne Hass verschliesst,/einen Freund am Busen haelt,/und mit ihm genießt,/was von Menschen nicht bewusst/oder nicht bedacht,/durch das Labyrinth der Brust/wandelt in der Nacht." (Felis quem se afastar do mundo sem odio, e quem apertar um amigo contra o peito para, com ele, gozar aquilo que, desconsiderado ou insabido pelos homens, permeia a noite atraves o labirinto do peito). Ora, embora talvez nao nos tenhamos afastado do mundo, (sem ou com odio), estavamos considerando, creio o que permeia o labirinto do peito.

Depois da nossa volta passamos quatro dias em Aix, tratando de foto-filosofia, e estamos indo para Strasburgo, Berlim e Colonia, para eu falar sobretudo do meu "universo". Mas algo me impele para interromper este fluxo geografico e "intelectual", e escrever-te, para alcancar distancia, (fenomenologica ou outra), e ver este meu, (e teu), peripatetismo de fora. Vistos de fora, somos duas formigas, (ligeiramente desgastadas), que procuram, contra toda evidencia, amassar algumas pedrinhas e leva-las para o formigueiro. Vistos intersubjetivamente, estamos engajados na busca do Algo que talvez seja o Nada, (o que, para mim, judeu desesperado que sou, e o resumo de toda teologia). Reli S. Juan, traduzido por Dora, e e a tal "noche escura", a qual, em oposicao a "chambre claire" de Barthes, caracteriza o meu engajamento. Em suma: Vampyroteuthis infernalis.

Tua ideia da poesia "revelando" o ambiente, (e, suspeito, tambem a paisagem interna), continua a tracassar-me. Por certo: expressa assim, nao passa ela de banalidade. (Musa, 'amar veomer JHVH=Deus fala e fala). Mas, aplicada a paisagens ainda nao cantadas e encantadas, (como o e Pindamonhangaba ou ao aspecto calculador e computador do pensamento), tua ideia e poderosa. Confesso: aqui em Robion o poeta que canta Pinda me interessa menos que o poeta que canta a imaginacao computadora. Nao o imagino como um futurista ou construtivista italiano ou russo que canta a beleza da locomotiva, mas o imagino como um trovador provençal que canta o amor da computacao, como o seu predecessor medieval cantava o amor do escudo, (da "dama"). Se eu aplicar tua ideia das estacoes tropicais ainda nao reveladas ao holograma ainda nao revelado, abrem-se vastos horizontes. Mas um problema persiste: de onde tirara tal teu poeta futuro os seus modelos? Mencionei dois: futuristas italianos, trovadores provençais, e poderei mencionar outros. Infelizmente, caro amigo, a musa que fala pela boca do poeta, (e o Senhor que fala pela boca do profeta), ja foram submetidas a analises psicologicas, sociologicas e historicas, e perderam algo de sua gloria primitiva. O que, na minha opiniao, em nada diminui o seu poder encantador e, (perdao da palavra), "informativo". Por favor, releia Benjamin e sua analise da "aura".

Vale, amice, atque salve, e escreverei quando de volta.